

A emigração espanhola em Lisboa na Primeira República: o caso do enclave galego

Carlos Pazos

Universidade do Minho/Grupo GALABRA (USC)

Resumo:

Pretende-se nesta comunicação realizar uma aproximação à trajetória da emigração espanhola em Portugal na 1ª República. Recorrendo a fontes literárias e jornalísticas da altura, prestaremos especial atenção ao *enclave* galego em Lisboa, e à imagem a este associada, tentando substantivar as estratégias que adoptou no novo panorama político após 1910.

O fenómeno migratório espanhol em Portugal não tem recebido, segundo a informação manejada, uma atenção suficientemente esclarecedora⁴². Assim, por exemplo, no extenso *Las causas de la emigración española, 1880-1930* de Blanca Sánchez (1995) o assunto passa quase despercebido⁴³. Do mesmo modo, em Portugal, os imigrantes espanhóis aparentemente receberam uma atenção secundária (cfr. Esteves, 1991)⁴⁴. Um caso, em parte, particular é o da emigração galega. Uma consulta rápida dos catálogos de

42 Será necessário apontar já que este trabalho não se deve a um especialista nos estudos do fenómeno migratório. É antes, na sua origem, fruto colateral, mas relevante achamos, das pesquisas realizadas à volta de um produtor português descendente de galegos, Alfredo Guisado (cfr. Pazos, 2010). Não é este, pois, um contributo vindo da área específica; é antes uma aproximação ao fenómeno migratório espanhol, em geral, e galego, em particular, para Portugal desde os estudos da literatura, dos estudos da cultura.

43 Se bem é certo que a autora explicitamente informa o leitor de que se centra nos destinos preferentes da emigração espanhola no período fixado (1880-1930): Argélia, Argentina, Brasil, Cuba e Uruguai (Sánchez, 1995: 142).

Significativamente, na apresentação na rede do volume em elaboração sobre a Casa de España-Centro Español de Lisboa podíamos ler: "HACEMOS UNA LLAMADA: nos estamos encontrando con un problema gravísimo que es la falta de documentos escritos. Por ello, quien tenga algo que aportar o que contar que se ponga en contacto con nosotros" (Casa de España, 2009; cfr. Hurta-do, 2009).

44 Talvez a existência de uma espécie de barreira invisível que até há bem pouco dificultava o relacionamento e conhecimento mútuo esteja por trás da escassa atenção que o assunto tem merecido tanto em Portugal como em Espanha (as famosas *costas viradas?*).

qualquer uma das três universidades galegas confirma uma crescente preocupação pelo fenómeno migratório galego. A profusão de trabalhos sobre a emigração galega, porém, tem-se centrado especialmente na emigração transoceânica. Apesar deste panorama, nos últimos anos, o caso concreto da emigração galega em Portugal foi objecto de vários estudos no âmbito das Ciências Sociais. Entre os vários trabalhos consultados podemos destacar os de Domingos González Lopo (1999 e 2006)⁴⁵ que, desde as práticas dos estudos migratórios, além de contribuir notoriamente para a sistematização por meio de estatísticas e dados o fenómeno migratório galego em Portugal, oferece uma série de informações muito úteis para conhecer e analisar não poucos elementos para além da factualidade migratória⁴⁶. O tema, todavia, está longe de esgotar-se.

Para uma aproximação enriquecedora é possível recorrer, em nossa opinião, a fontes hoje ainda pouco exploradas como as publicações periódicas da época⁴⁷. Neste sentido, foi especialmente rentável a pesquisa na Biblioteca Nacional de Lisboa donde encontramos várias das publicações vinculadas, *grosso modo*, à emigração espanhola em Portugal (cfr. *infra*).

45 Também, desde outra perspectiva, o imprescindível *Galicia, Franco y Salazar. La emigración gallega en Portugal y el intercambio ideológico entre el franquismo y el salazarismo (1936-1939)* de Alberto Pena (1999).

46 Talvez o melhor exemplo deste recente interesse pela emigração galega em Portugal seja o livro-homenagem de Xan Leira, *Historia dunha emigración difusa* (Leira, 2008). Sintomaticamente, o documentário que acompanha o livro começa com um pequeno inquérito espontâneo (na rua) onde as perguntas tentam sondar o conhecimento da emigração galega em Portugal; as respostas, na sua maioria, são reflexo de um desconhecimento generalizado do fenómeno (face, diga-se de passagem, ao um já consolidado conhecimento da diáspora galega em terras americanas). Por outra parte, a última publicação sobre o assunto de que temos conhecimento é o *Retratos gallegos* de Luís Dantas (Dantas, 2010).

47 As instituições da emigração espanhola existentes na actualidade consultadas (Juventud de Galicia, Casa de España-Centro Español de Lisboa e, parcialmente, o Instituto Español de Lisboa) não têm actualmente arquivos completos; nestes três casos, a documentação não existe ou se encontra (o caso da Casa de España-Centro Español de Lisboa) no Archivo General de la Administración de Alcalá de Henares. No caso concreto de Juventud de Galicia, como tivemos ocasião de comprovar, a documentação anterior à Guerra Civil Espanhola é muito escassa.

Singularmente frustrante foi o facto de não termos encontrado um dos materiais indicados no estudo de Pena Rodríguez (1999: 37). O autor indica que o trabalho inédito *La colonia española en Portugal (1900-1982)* y *el Instituto Español en Lisboa (1932-1982)* se encontraria no Instituto Cervantes de Lisboa. Depois de consultar os fundos desta instituição e de entrevistar a bibliotecária do mesmo não encontramos qualquer rasto do trabalho.

A emigração espanhola em Portugal

Uma das peculiaridades espanholas no que diz respeito ao fenómeno migratório prende-se com a diferenciação no relativo às origens regionais. Algumas regiões ou províncias experimentaram uma intensidade emigratória substantivamente alta se comparada com outros espaços geográficos. Neste sentido, os territórios de origem dos emigrantes não variaram excessivamente até a década de 30 do séc. XX: a Galiza, Astúrias, País Basco, Cantábria e as Canárias destacam-se como as regiões com maior *vocação migratória* (cfr. Sánchez, 1995: 54). No caso espanhol, alguns factores parecem ser determinantes à hora de explicar esta diferenciação regional (*id.*: 32 e ss.). A “*tradición migratoria*” ou o acesso à informação (o a publicidade insistente de, por exemplo, companhias de navegação) tiveram uma importância capital. Do mesmo modo, o desenvolvimento urbano dalgumas zonas supõe uma alternativa real à emigração exterior, explicando assim o escasso índice de emigrantes dalgumas regiões espanholas. Outro dos factores que Blanca Sánchez identifica é:

hay que señalar que las zonas de predominio de la pequeña propiedad muestran una mayor tendencia a la emigración frente a las regiones donde predomina una masa de campesinos asalariados y sin tierra. La pequeña propiedad permite no sólo obtener los medios necesarios para sufragar los costes de la emigración mediante la venta o hipoteca de parte o todo el patrimonio, sino que conforma una estructura económica y social donde la emigración adquiere sentido. La decisión de emigrar, aunque afecte a un solo individuo, se toma dentro de las unidades familiares como parte de una estrategia calculada de diversificar riesgos ‘invertiendo’ en otro mercado distinto a través de la emigración de uno o varios de sus miembros más cualificados y del envío de remesas. Las remesas y la emigración de retorno adquieren entonces todo su significado: evitar la pauperización de la unidad familiar, conseguir ingresos para consolidar la propiedad, ampliar el patrimonio o hacer frente a gastos de modernización (*id.*: 33).

Blanca Sánchez relaciona estreitamente este último factor com o caso da emigração galega em particular⁴⁸.

Por outro lado, obter dados fiáveis sobre o número de espanhóis emigrantes em Portugal durante as primeiras décadas do século XX, em função dos materiais utilizados, é tarefa quase impossível. A disparidade de cifras, junto à falta de explicitação das fontes dos números avançados na maior parte dos trabalhos consultados, não permite aventurar dados concretos. Os dados compilados, no entanto, entendemos que sim ajudam a debuxar a realidade da presença migratória espanhola em Portugal. Neste sentido, a informação que achega Jorge Alves (2002) é uma referência inestimável para os finais do séc. XIX. Segundo Jorge Alves haveria 27.138 emigrantes espanhóis em Portugal em 1890, dos quais 13.405 a residir no distrito de Lisboa. Frente a estes dados, Manuel Burgos Madroño assinalava o seguinte: “Podemos considerar a época dourada da colónia espanhola em Portugal o último quartel do século XIX, que superava, sem dúvida, os cinquenta mil espanhóis” (Burgos, 1986: XV). A disparidade é evidente. Em todo o caso, parece claro que nas últimas décadas do século XIX, Portugal era um destino atraente para os emigrantes espanhóis.

Para as primeiras décadas do século XX, coincidentes com a instauração da I República, a falta de dados fiáveis é também manifesta. Segundo Mariano González Rothvoss y Gil: “Los 20.517 españoles que trabajaban en Portugal en 1910; los 17.813 en 1920 y los 8.955 en 1930, se han beneficiado con este trato⁴⁹” (González Rothvoss, 1950: 74). Apesar das dúvidas

48 Sobre a emigração galega a autora afirma:

En el caso español y, en concreto, con relación a Galicia, se ha insistido en el papel de la emigración a través de las remesas como uno de los elementos que permitieron amortiguar las dificultades económicas consolidando al mismo tiempo la situación existente. Así, se afirma que la emigración gallega contribuye a evitar la proletarización, pues 'el ahorro americano será, en muchos casos, un sustitutivo de otras fuentes de financiación en la modernización de la agricultura gallega'. Especialmente en economías agrarias donde los mercados de crédito y de seguros son imperfectos, el acto de emigrar cobra sentido como forma de evitar riesgos como las malas cosechas, fluctuaciones de precios, inseguridad en la tenencia de la tierra, falta de trabajo durante largas temporadas, etc. (Sánchez, 1995: 59).

49 Com o “trato” González Rothvoss referia-se a:

Los portugueses son por única excepción los no súbditos españoles que están dispensados en el territorio español de la Tarjeta de Trabajo de extranjeros y benefician de todos los Seguros Sociales; no son considerados como tales extranjeros. Portugal también da idéntico trato a los españoles que trabajaban en tierras lusitanas (González Rothvoss, 1950: 74).

que oferecem estes dados, parece que de um modo geral Portugal, como destino da emigração espanhola, não resistiu ao auge da emigração transoceânica (cfr. González, 2006: 259; Sánchez, 1995: 156).

Segundo com a análise quantitativa e em linha com o indicado mais acima, os trabalhos consultados coincidem em apontar dentro da colónia espanhola em Portugal uma maioria de emigrantes procedentes da Galiza. Jorge Alves dá o seguinte dado:

É o próprio cônsul espanhol no Porto quem, em 1873, assegura que os emigrantes galegos representam 97% dos emigrantes espanhóis em Portugal, sendo originários, na sua quase totalidade, das zonas rurais da Galiza. O excesso de população, em face da extrema divisão da propriedade rural, era o principal factor da emigração apontado pelo cônsul (Alves, 2002: 4).

Para a década dos anos 30, por exemplo, Manuel Burgos situa a percentagem de galegos num “sessenta por cento”, ao qual se sumaria um 15 % de “zamoranos” e “salamantinos”; o resto da colónia espanhola estaria formado por indivíduos procedentes doutras províncias (Burgos, 1986: XV)⁵⁰. A disparidade de cifras, novamente, obriga a uma análise panorâmica: segundo os dados manejados não existem dúvidas de que entre o colectivo de emigrantes espanhóis em Portugal os de origem galega eram a maioria (cfr. Pena, 1999: 15); em parte, a vitalidade das instituições vinculadas aos galegos e à Galiza assim o demonstram (cfr. *infra*)⁵¹.

50 O historiador português César Oliveira eleva a percentagem de galegos até o 90% (César Oliveira *apud* Pena, 1999: 38).

Ainda sobre a emigração espanhola em Portugal para a década de 30, Manuel Burgos Madroño aponta:

há que distinguir entre o que na verdade constitui a colónia espanhola e a minoria de emigrados políticos recém-entrados em Portugal. Aquela, mostra contínua inquietação, tal como o Governo Espanhol, perante a actuação dos seus representantes diplomáticos e do Governo Português para com os emigrados políticos espanhóis em Portugal, por isso queremos deixar claro, desde este momento, que a actuação pró-nacioanalista da colónia foi lenta, minoritária e imposta; não soube nem pôde impor-se ao pequeno grupo de intrigantes, recém-chegados, alheios a eles, representantes de classes elevadas e acomodadas, monárquicos, conservadores e ultradireitistas (Burgos, 1986: XV).

51 Neste sentido, definir os limites do que denominados enclave galego em Lisboa no âmbito do colectivo de emigrantes oriundos do Estado Espanhol não é tarefa fácil, nem, por outro lado,

No relativo às instituições vinculadas à colónia espanhola em Portugal podemos identificar (i) associações ou centros com diferentes objetivos que congregam os membros da colónia e (ii) publicações periódicas, em vários casos bilingues, que tinham como destinatários preferentes os espanhóis residentes em Portugal. No seu único número, o jornal *España Democrática*, subtítulo "Periódico Defensor de los intereses Morales y Materiales de la Colonia" identificava as seguintes associações em 1912:

Escolar Democrático Español, dedicado á la instrucción y recreo.- Travessa da Gloria, 22-A, 2º

Cámara de Comercio.- Rua 1º de Dezembro, 31, 2º

Juventud de Galicia, sociedad artística y de recreo.- Rua da Magdalena, 259, 1º

Asociación Galaica, de socorros Mutuos.-Rua da Magdalena, 259, 2º

Centro Español, artístico y de recreo.- Calçada dos Caetanos, 54.

La Fraternidad, asociación de beneficencia y socorros mutuos.- Rua 1º de Dezembro, 31, 2º (*Espanha Democrática*, 10/02/1912, p. 3).

De todas elas, a Cámara de Comercio y Navegación de España era a mais antiga. Fundada em 1886, "supuso el principal instrumento de organización y expresión de este núcleo hispano [y] recibiría las más reconocidas aprobaciones por parte de la administración española" (Chato, 2004: 133). Pouco depois, em 1888, surgira vinculada à emigração galega a Asociación Galaica de Socorros Mutuos⁵², mais à frente estreitamente relacionada com o centro galego Juventud de Galicia (1908). O Centro Español ou Casa de España (origem da actual Casa de España-Centro Español de Lisboa⁵³) abre as suas portas uma ano mais tarde, em 1909.

objectivo prioritário deste trabalho. Limitar-nos-emos a, no melhor dos casos, contribuir para um melhor conhecimento daquele.

Sobre a noção de *enclave* de Naftoli Bassel (1991) *vid.* Samartim e Cordeiro, 2008.

52 Segundo o semanário galego *El Tea* contava em 1910 com 1088 sócios e um capital económico estimável (*El Tea*, 26/03/1910, p. 2).

53 A actual duplicidade do nome (e certa confusão presente nos materiais consultados) deve-se a que antes do ano 1940, o Centro Español era conhecido em Lisboa sob a designação Casa de España, mas nesta altura o General Francisco Franco outorgou em regime de exclusividade a denominação *Casa de España* à própria legação diplomática (Pena, 1999: 42).

Transcorridos vários anos, em 1936, as associações da colónia espanhola eram, segundo Manuel Burgos:

La Galaica (Companhia de Socorro Mútuos), Centro Gallego, Juventud de Galicia, Centro Español, Sociedad Española de Beneficência, Centro Republicano Español, Casa de España, Escolas Reina Victoria, Instituto Español, Cámara Oficial de Comércio y Navegación de España, todas em Lisboa. No Porto existiram o Montepío Español (Sociedade de Socorros Mútuos), o Centro Escolar Democrático Español, a Casa de España e as Escolas Miguel de Cervantes e Reina Victoria; em Faro também existiu um Centro Español e em Elvas outras escolas espanholas (Burgos, 1986: XV).

Como se pode apreciar, o número de associações aumenta significativamente, reflectindo, entendemos, a crescente actividade da colónia espanhola assim como a capacidade e fortaleza que esta demonstra ao chegar a novos pontos da geografia portuguesa⁵⁴.

Paralelamente às associações, publicaram-se em Portugal, principalmente em Lisboa, vários jornais de vida efémera:

Quanto aos periódicos do século XX, publicados em castelhano, são muitos; nenhum ultrapassou os cinco anos de existência e eram semanais e alguns bis-semanais, com pretensões que não realizaram, de converter-se em diários. Em Lisboa editaram-se: *Federação Ibérica, Internacional e Federação Peninsular*, bilingues e republicanos, todos de 1900; mais tarde aparecem *La Españl Moderna* (1908) republicano; *España y Portugal* (1913), independente; *La Españl*⁵⁵ Democaática

54 Um dos indícios que provariam a fortaleza assinalada estaria no interesse dos golpistas espanhóis de 36 em exercer o controlo efectivo sobre estas associações. Em palavras de Alberto Pena: Las instituciones de la colonia española en Portugal [...] sirvieron de plataforma de difusión de la ideología falangista, con tres objetivos concretos: obtener el apoyo unánime de la colonia gallega y española en general para dar una cobertura propagandística exterior al franquismo, captar fondos para la causa de los 'nacionales' en Portugal y conseguir reclutas voluntarios entre algunos de los emigrantes que trabajaban en Portugal para sumarse a las campañas del ejército rebelde (Pena, 1999: 16).

55 Respeitamos sempre a língua, ortografia e, inclusive, grafias dos originais.

(1912), republicano, *Hispania* (1924), partidário de Primo de Rivera, *El Heraldo Español* (1931), republicano, *Alborecer* (1932), republicano e, de novo, o *Hispania* (1935) que só editou o número zero. No Porto publicou-se *El Eco Español* (1913), monárquico; além destes apareceram algumas publicações irregulares, muitos folhetos e os boletins da Câmara de Comércio de Espanha que começaram no século XIX (Burgos, 1986: XV; sublinhados nossos)⁵⁶.

E mais à frente, afirma Manuel Burgos:

Dá-nos a impressão, pelo que ficou dito, de uma colónia activa e politizada e, efectivamente, assim foi, ainda que o seu comprometimento e participação fosse minoritário (*ibidem.*).

Coincidindo com Burgos Madroñero, tudo parece indicar que, com efeito, a actividade social mas também política dos espanhóis emigrados em Portugal era intensa.

O enclave galego durante a 1ª Republica

A emigração galega a Portugal, a Lisboa, é anterior à que tinha por destinos Argentina, Cuba, Uruguai, etc.; já no séc. XVIII o número de cidadãos de origem galega andaria por volta dos 80.000 (cfr. González, 1999 e 2006; Garcia, 1996: 182; Hernández, 1995: 14). Paralelamente, surgiu em Portugal um estereótipo dos galegos, necessariamente negativo, construído basicamente a partir da posição/função social que os galegos emigrantes desempenhavam em Lisboa. Em palavras de Guilherme Felgueiras:

O grupo racial aldeão, rude e de sã virilidade, massa inculta procedente de Tui, Lugo, Redondela e seus termos, que se fixava no nosso

56 Ignacio Chato acrescenta a esta lista as seguintes publicações, as duas do século XIX: *El Gallego* (1881-1883?) e *La voz Galaica* (1882). Refere ainda que em Lisboa houve um Casino Español, constituído em 1882 que ficaria aberto apenas quatro meses e a existência, efémera em todo o caso, de um "Centro Gallego", também na capital lusa (Chato, 2004: 130-133).

país para amparo económico, tinha figuras características, com seus matoções, cabelo cortado à escovinha, pescoço cachaçudo, peitaça e braços cerdosos, chancas, boina vasca e amplas calças de bombazina. Repartia a sua actividade pelas mais subalternas ocupações: aguadeiro, condutor de 'bombas' par extinção de incêndios, vendedor de rendas, criado de casas de pasto, tascas e botequins, moço-de-fretes (carreções ou mariolas) e amolador de tesouras e navalhas (Felgueiras, 1987: 4)⁵⁷.

Esta imagem menos amável para com os galegos do imaginário português vai colidir em finais do séc. XIX e, nomeadamente, nas primeiras décadas do séc. XX como os interesses de um colectivo em ascensão conhecido na Galiza como os *Lisboanos*⁵⁸. Estes, ao lado dos emigrantes dedicados a trabalhos desprovidos de prestígio social (a maioria, muito provavelmente), pretendem agora adquirir outras espécies de capital, principalmente capital social. Com este fim tentam dotar-se de instituições (associações, jornais) como, por exemplo, Juventud de Galicia ou *España y Portugal* (1913). Neste sentido, entendemos, deve ser interpretada a carta que escreve Lorenzo Varella Cid, como Presidente de Juventud de Galicia, em *O Paiz* sob o título "A Colonia Gallaica" (29/09/1912) onde critica directamente as palavras de um artigo anterior no mesmo jornal que veiculavam o estereótipo negativo dos galegos⁵⁹. Outro caso paradigmático é a capa do

57 Sobre o funcionamento e vigência deste estereótipo há inúmeros exemplos, na literatura, na fraseologia, etc. (*vid.*, como mostra, Rodriguez e Torres, 1994 e Ferro, 2009, respectivamente).

58 Segundo González Lopo:

Os ricos 'lisboanos' trabalham duramente na capital, ao mesmo tempo que investem em fábricas de cadeiras que conseguiram criar nas suas paróquias de origem, uma ampliação do seu património aldeão que durante a sua ausência ficará sob a administração da esposa e dos filhos. Com efeito, encontramos-nos perante um modelo migratório que corresponde às chamadas migrações pendulares ou circulares, que trazem de volta aos seus lares os deslocados, de forma cíclica, depois de um intervalo de tempo mais ou menos longo, impedindo assim que se rompam os laços de união com a sua comunidade de origem, ao contrário do que acontecerá com a emigração americana. De qualquer modo, um contacto tão prolongado no tempo favoreceu também a dedicação de muitos dos deslocados aos seus lugares de acolhimento, onde se fixaram de forma definitiva (González, 2006: 254).

59 No artigo referenciado apareciam asseverações do tipo:

O gallego vulgar, o que anda para ahi em certos misteres, é uma especie de judeu do que respeita a negocio. Se a sua actividade se encaminha para a taberna ou para o café, o gallego falseia todos os productos que vende; assim como se compraz em nunca dar a medida cabal dos liquidos ven-

nº 3 de *España y Portugal*, por inteiro dedicada a desenvolver a manchete “Españoles. Nuestro Compatriota José Carrera Seoane ¡¡Ha Muerto a causa de la Agresión Cobarde del policía, 380!!” (22/11/1913)⁶⁰. Vemos como as instituições do enclave galego têm, em geral, por objectivo defender os interesses de variado tipo do colectivo emigrante.

Por outro lado, é importante referir que as tomadas de posição do enclave galego (ou a emigração procedente do Estado Espanhol em geral) mantêm um estreito vínculo com o acontecer político, social e cultural da metrópole. Por outras palavras: muitas das polémicas, reacções ou iniciativas não se entendem sem olharmos o que estava a acontecer na Galiza (ou no Estado Espanhol). Neste sentido, o modo como os galegos, especialmente os *Lisboanos*, se insurgem contra o estereótipo negativo tem obrigatoriamente de se relacionar, também, com o surgimento na Galiza do regionalismo (mais tarde nacionalismo) galego que tentava, entre outros propósitos, prestigiar a Galiza, os galegos e alguns costumes e hábitos a eles associados⁶¹. Assim por exemplo, são numerosas e constantes as polémicas relativas à própria organização da colónia espanhola em Lisboa: deveria esta dotar-se de uma única ou de várias associações? Em 1908 podemos ler o seguinte em *La España Moderna*:

En Portugal los españoles andamos faltos de ella [unión] y como consecuencia de esto, ni hay colonia ni hay españoles, ni existe mas que antagonismo [...] El Centro Gallego, muy digno de imitar por las demas regiones; pero es el caso que Galicia se concentra solo á defender su región (*La España Moderna*, 24/10/1908, p. 3)⁶².

dados nem o peso certo das cousas que se lhe compra.

Além d’isso, na maior parte dos casos é imoral e porco, uma espécie de toupeira que tanto *fura* por um montão de esterco como por outro *solo* mais higienico (*O Paiz*, 17/09/1912, p. 1; itálicos no original).

60 No seu último número, *España y Portugal* lançava a seguinte iniciativa: “SUSCRIPCIÓN POPULAR. Patrocinada por *España y Portugal*, para procesar el policía 380, que mató nuestro compatriota José Carrera Seoane” (*España y Portugal*, 6/12/1913, p. 3); a seguir, figuravam várias dezenas de nomes com as quantidades entregues.

61 O qual não passou despercebido para uma determinada elite portuguesa (cfr. Torres, 1999).

62 *España Democrática* tomava posição em sentido parecido: Nuestro legítimo deseo de ser portavoces de la opinión hispana, no será obstáculo para que un día y otro día pidamos á todos los paisanos aunen sus esfuerzos para llegar á la federación de

Esta e outras tomadas de posição terão as suas réplicas. Deste modo defendia Juventud de Galicia um destacado membro do enclave nas páginas de *El Clamor Español* sob o título “Juventud de Galicia. Ante la Colonia Española”:

Los [...] que de cuando en vez somos objeto de befa y comparaciones *rocinantes*, también tenemos *corazoncito* y no podemos sopor-tar la nostalgia del terruño [Apelo à] fecundidad literaria y científica de tantos gallegos que sentaron catedras en todos los ramos del saber humano, menos en la tauromaquia (*El Clamor Español*, 14/04/1909, p. 1; itálicos no original)⁶³.

Paralelamente, são patentes tensões no enclave directamente relacionadas com a adscrição política dos agentes ou instituições. Além das polémicas derivadas do, simplificando, par nacionalista subestatal/nacionalista estatal, é possível detectar tomadas de posição vinculadas ao par republicano/monárquico; o qual, tendo presente a instauração da República Portuguesa em 1910 face ao Reino de Espanha é altamente significativo.

Em geral, as publicações periódicas consultadas são de tendência republicana, como apontou Manuel Burgos (cfr. *supra*). O primeiro testemunho encontrado é o de *La Espanha Moderna* (1908), subtítulo “Periódico Republicano Independiente”, que afirma em artigo programático na capa do primeiro número: “[Somos] Republicanos sin dobleces, componendas, ni flo-gedades [...] defensores de un ideal sacrosanto que encierra de por si la salva-ción de la patria española” (*La España Moderna*, 10/10/1908, p. 1). Expressivamente, na mesma página o segundo artigo leva por título “Una monarquia agonizado”. Marcelino Gomez Arias, director de *La España Moderna*, vai diri-gir também *El Clamor Español* em 1909 também de inspiração republicana⁶⁴.

todos los centros españoles, sean gallegos ó castellanos, que á todos nos una la bandera patria (*España Democrática*, 10/02/1912, p. 1).

63 Na própria Juventud de Galicia este assunto foi discutido em 1913 aquando de uma reforma dos estatutos; o corresponsal de *El Tea* identificava no seio da associação dois grupos, o “regionalista” e o “españolista” (*El Tea*, 1/11/1913).

64 Note-se, porém, que o tom político, isto é, republicano de *El Clamor Español* está mais esvaído; a causa, provavelmente, está relacionada com problemas legais, talvez políticos que estariam por trás do desaparecimento de *La España Moderna*; segundo se desprende do *El Clamor Español*, Marcelino Gomez teria tido problemas com a justiça portuguesa, sendo condenado (cfr. *El Clamor*

Em 1912, sob a direcção de Pedro Chardonel Guance, surge *España Democrática*, subtítulo “Periódico Defensor de los intereses Morales y Naturales de la Colonia”. Evidenciado a sua vinculação aos postulados republicanos metropolitanos (a vigorar dalguma forma em Portugal), tinha por objectivos, entre outros: “combatir el caciquismo y la reacción; todo ello será preciso para ejercer la severa critica que merece el régimen que padece Espana, por culpa de falsos democratas” (*España Democrática*, 10/02/1912, p. 1). Um ano antes, segundo Ignacio Chato, seria fundado no Porto um “centro republicano español” (Chato, 2004: 316). Como se pode ver, aparentemente, alguns dos agentes da colónia aproveitam a situação política portuguesa para a intensificar a propaganda republicana no seio da colónia.

Neste sentido, as páginas do semanário do Sul da Galiza *El Tea* são altamente reveladoras de como o enclave, ou uma parte significativa dele, se relaciona com a sua metrópole e quais os interesses e ideias em jogo. *El Tea*, empresa jornalística abertamente republicana e agrarista, dirigida pelo republicano Amado Garra, surge em 1908 financiada também pelo enclave galego de Lisboa (cfr. Hervés, 1997: 219). *El Tea* entende o enclave como uma fonte de recursos de variado tipo (humanos, económicos, etc.) e vai dar prioridade desde os seus inícios ao contacto com a colónia galega de Lisboa. Após a instauração da República em Portugal, *El Tea*, espécie de *diário* da colónia galega, dá conta (de forma interessada, evidentemente) das iniciativas vinculadas ao republicanismo em Lisboa. Assim, por exemplo, em 1911, em “Desde Lisboa” (secção estável do semanário) o corresponsal dá notícia de uma “Asamblea” celebrada o dia 14 (Março?) para protestar contra as manobras conspiratórias contra a república Portuguesa na imprensa galega (*El Tea*, 8/04/1911). Pouco depois, o corresponsal informa enfaticamente da visita do director de *El Tea* a Lisboa (que já tinha estado em Lisboa em 1910⁶⁵); num dos banquetes oferecido ao político galego estaria o jovem

Español, 6/02/1909, p. 2 e 13/02/1909, p. 1).

Interessa notar também os 24 números que teve *El Clamor Español*, cifra estimável se comparada com a vida normalmente mais efémera de outros projectos jornalísticos da colónia.

65 Na sua capa informava o semanário galego: “‘El Tea’ en Lisboa. Recibimiento entusiasta.- Obsequios y visitas á nuestro Director.- Homenaje en ‘Juventud de Galicia’.- Ovaciones y aclamaciones”.- Despedida colosal por la colonia gallega” (*El Tea*, 23/04/1910).

Alfredo Guisado, futuro membro do Grupo *Orpheu* de Fernando Pessoa mas também activo agente do agrarismo republicano a partir de 1912, tanto em Lisboa com na terra de origem dos pais⁶⁶. Significativamente, entre a 1ª e a 2ª viagem de Amado Garra a Lisboa, temos notícia da presença na capital portuguesa, também em visita à colónia, de destacados agentes do regime político vigente no Estado Espanhol da altura (isto é, monárquicos), como noticiou a influente revista *Vida Gallega* (cfr. *Vida Gallega*, 30/09/1910). Parece evidente que o enclave galego de Lisboa, agora fortalecido, importa a vários grupos, a vários interesses.

Em 1912, segundo *El Tea*, teria surgido uma comissão de emigrantes, entre os quais o pai de Alfredo Guisado, António Venâncio Guisado, a favor do novo regime republicano português e contra a protecção concedida aos monárquicos na Galiza (*El Tea*, 15/07/1911). Nesse mesmo ano, em Julho de 1912, coincidindo com a presença do militar monárquico Paiva Couceiro no Sul da Galiza, encontramos um manifesto da colónia onde se distancia frontalmente das simpatias monárquicas metropolitanas e de qualquer suspeita de conspiração. O manifesto acaba com um expressivo: “Viva Portugal, Viva la Republica Portuguesa” (*El Tea*, 27/7/1912).

Este panorama, sinteticamente, irá mudar substantivamente a partir de, *grosso modo*, 1916, quando os galeguistas empenhados em estabelecer um contacto fluido a vários níveis com Portugal (por exemplo com os republicanos da Renascença Portuguesa) vão tentar, com algum sucesso, influir nas dinâmicas do enclave galego de Lisboa (cfr. Torres, 2008 e 2010), marginalizado de alguma forma a presença dos republicanos metropolitanos no enclave lisboeta⁶⁷.

66 O qual substantiva, em nosso entender, o sucesso que, em parte, tiveram as actividades de propaganda dos agraristas-republicanos em Lisboa.

67 Já fora dos limites da I República, em 1932, aparece em Lisboa o jornal *Alborecer*, “Semanario Español Independiente”, dirigido por Manuel Falcón, aparentemente vinculado ao novo regime republicano espanhol. Já no seu primeiro número, aparece o título preliminar da Constituição da II República espanhola (*Alborecer*, 1/02/1932, p. 2); dois meses mais tarde, a seguinte manchete ilustra a foto da capa: “Banquete de Confraternización republicana celebrado el 14 de este mes, en conmemoración del 1º aniversario de la proclamación de la República en España” (*Alborecer*, 24/04/1932, p. 1).

Nota Final

A modo de conclusões, necessariamente provisórias, não parece errado afirmar que a colónia espanhola, em geral, e a galega, em particular, apresentou uma actividade assinalável desde finais do séc. XIX, singularmente após a instauração da República em Portugal. A colónia, progressivamente, experimentou uma diversificação notável, nomeadamente motivada pelo surgimento de um novo perfil dentro do colectivo de emigrantes aqui representado pelos *Lisboanos*. Estes, interessados em melhorar a sua situação, especialmente no que diz respeito à imagem negativa dos galegos, querem e conseguem criar uma série de instituições para defender os seus interesses.

O *habitat* da colónia, longe de se caracterizar pelo isolamento a respeito da metrópole, organizava-se em função, também, desta; isto é, as polémicas e tomadas de posição dos seus membros tinham uma relação, mais ou menos próxima, com o acontecer metropolitano. Deste modo, vemos como a questão da existência de várias associações parece relacionar-se polemicamente com os discursos metropolitanos emanados dos incipientes regionalismos/nacionalismos subestatais. Igualmente, a adscrição política das instituições da colónia (republicanos vs. monárquicos) está vinculada ao debate metropolitano. Neste sentido, a instauração do novo regime republicano em Portugal parece ter dado uma visibilidade maior ao sector republicano do enclave⁶⁸. Por outro lado, as tomadas de posição de membros do enclave apoiando o novo regime português pode ser analisada como mais uma estratégia que visa notabilizar-se no espaço social português (fugindo, por sua vez, do estereótipo negativo) e aproximar-se das novas elites republicanas.

68 É preciso notar que o retrato até aqui realizado do enclave galego, conclusões provisórias inclusive, é evidentemente parcial e necessitado de uma ampliação do corpus. Não foram analisadas aqui, por exemplo, outras fontes como pode ser a documentação emanada da Embaixada de Espanha em Portugal ou dos consulados, que, com certeza, ajudariam a melhor compreender a matéria tratada.

Bibliografia

Publicações Periódicas

- Alborecer*, 1932.
Clamor Español (El), 1909.
España Democrática, 1912.
España Moderna (La), 1908.
España y Portugal, 1913.
Paiz (O), 1912.
Tea (El), 1908-1915.
Vida Gallega, 1910

Outras referências bibliográficas

- ALVES, Jorge Fernandes (2002): "Imigração de galegos no Norte de Portugal (1500-1900). Algumas notas" in ROEL, Antonio Eiras y LOPO, Domingo Gonzalez (coord.): *Movilidad e migracións internas na Europa Lati-na*, Santiago de Compostela, Universidad (Catedra Unesco) p. 117-126 (acessível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo11211.pdf>).
- BURGOS Madroñero, Manuel (1986): "As actividades da colónia espanhola en Portugal (1936-1939), *Diário de Notícias*, 6/07/1986, pp. XV-XVII.
- CASA DE ESPAÑA (2009): "Un viejo viejo proyecto en marcha: el libro sobre la Casa de España" in <http://www.casadespanha.pt/casa-de-espanha/libro-casa-de-espanha.html> [última consulta: 02/09/2009].
- CHATO Gonzalo, Ignacio (2004): *Las relaciones entre España y Portugal a través de la diplomacia (1846-1910)*, Tomo II, Mérida, Editora Regional de Extremadura.
- DANTAS, Luís (2010): *Retratos gallegos*, s.l..
- ESTEVES, Maria do Céu (org.) (1991): *Portugal, País de Imigração*, Lisboa, Instituto de Estudos para o Desenvolvimento.
- FELGUEIRAS, Guilherme (1981): "O Galego. Tipo popular da fauna lisboeta",

- Lisboa [Sep. Bol. cultural da Assembleia Distrital de Lisboa, 3a série, 86].
- FERRO Ruibal, Xesús (2009): "Estereótipos na fraseoloxía: o caso galego-portugués" in *Cadernos de fraxeoloxía galega*, 11: 81-111.
- GARCÍA Fernández, Xosé Lois (1996): "Patrimonio e cultura da emigración galega en Portugal" in Maria Xosé Rodríguez Galdo, Afonso Vázquez-Monxardín (coords.): *Actas do I Encontro sobre o Patrimonio Cultural Galego na Emigración*, Santiago de Compostela, Consello da Cultura Galega, pp. 181-186.
- GONZÁLEZ Lopo, Domingo L. (1999): "Los movimientos migratorios en tierras del interior de la provincia de Pontevedra entre 1801-1950: Características y puntos de destino" in Pilar Cagio Vila (ed.): *Semata, Ciencias Sociais e Humanidades*, vol. II, pp. 269-298.
- ____ (2006): "'Se se mandassem embora não haveria quem servisse...' Os galegos em Portugal: Um exemplo típico de mobilidade na época pré-industrial" in Ruben Lois González e Rosa Verdugo Matés (eds.): *As migracións em Galiza e Portugal. Contributos desde as Ciencias Sociais*, Corunha, Ed. Candeia, pp. 237-266.
- GONZÁLEZ ROTHVOSS y Gil, Mariano (1950): "La emigración en la Península Ibérica", in *Separata Ciências Sociais*, Tomo 6, Sección 5, Porto, Imp. Portuguesa.
- HERNÁNDEZ Sanz, Pilar (1995): "A emigración galega a Portugal" in *Galicia ó lonxe*, 4: 14-15.
- HERVÉS Sayar, Henrique (1997): "Unicato bugallalista, Pontearreas, 1891-1923. Elementos para unha análise do caciquismo e do clientelismo político na Galicia da Restauración" in VV. AA: *Poder local, elites e cambio social na Galicia non urbana (1874-1936)*, Santiago de Compostela, Universidade de Santiago de Compostela, Servicio de Publicacións e Intercambio Científico, pp. 213-223.
- HURTADO, José María, et ali (2009): *100 años de Casa de España. Un siglo de convivencia*, s.l..
- LEIRA, Xan (2008): *Historia dunha emigración difusa. 500 anos de emigración galega a Lisboa*, s/l, Acuarela Comunicación sll.

- PAZOS Justo, Carlos (2010): *Trajectória de Alfredo Guisado e a sua relação com a Galiza (1910-1921)*, Santiago de Compostela, Laiovento.
- PENA Rodríguez, Alberto (1999): *Galicia, Franco y Salazar. La emigración gallega en Portugal y el intercambio ideológico entre el franquismo y el salazarismo (1936-1939)*, Vigo, Universidade de Vigo.
- RODRÍGUEZ, José Luis y TORRES Feijó, Elias J. (1994): "A Galiza e os galegos na prosa de Camilo" in *Actas do Congreso Internacional de Estudos Camilianos*, Coimbra, Comissão Nacional das Comemorações Camilianas, pp. 707-727.
- SAMARTIM, Roberto López-Iglésias e CORDEIRO Rua, Gonçalo (2008): "O Pensamento Cultural Galego em Referência a Portugal: Posição e Função de Ideias e Grupos no Tardofranquismo e na Transição" in *Actas do I Congresso Internacional 'O Pensamento Luso-Galaico-Brasileiro entre 1850 e 2000'*, Lisboa, IN-CM [no prelo].
- TORRES Feijó, Elias J. (1999): "Cultura Portuguesa e legitimação do sistema galeguista: historiadores e filólogos (1880-1891)" in *Ler História*, 36: 273-318.
- I. ____ (2008): "A mais poderosa ponte identitária: Portugal e a Saudade no nacionalismo galego" in *Actas do III Colóquio Luso-Galaico sobre a Saudade em Homenagem a Dalila Pereira da Costa*, Porto, Universidade Católica Portuguesa [no prelo].
- a) ____ (2010): "Relacionamento literário galego-português. Legitimação e expansão com Sísifo ao fundo", in Antonio Sáez Delgado e Luis Manuel Gaspar (eds.): *Suroeste. Relaciones literarias y artísticas entre España y Portugal (1890-1936) / Relações literárias e artísticas entre Portugal e Espanha (1890-1936)*, Badajoz, Museo Extremeño e Iberoamericano de Arte Contemporáneo / Sociedad Estatal de Conmemoraciones Culturales, pp. 163-185.